

Ei, por que não existem grandes quadrinhos feitos por mulheres?¹

Isaiana Carla Pereira dos SANTOS²
Renata Izabel de Freitas NOLASCO³
Daiany Ferreira DANTAS⁴

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, RN

RESUMO

Apesar das mulheres sempre terem feito parte da produção de quadrinhos, o mercado ainda formado majoritariamente por homens tratou de demarcar a indústria como uma cena pertencente ao imaginário masculino. A produção do quadrinho aqui a ser apresentado, irá discutir a invisibilização das mulheres artistas produtoras de quadrinhos. Tendo como base teórica o texto de Linda Nochlin (2003) em que ela questiona o porquê de não haver grandes mulheres artistas, chegando a conclusão de que os diversos fatores sociais e institucionais impediam tal acontecimento. Foi a partir disso que uma linha de pesquisa pretendia demonstrar como a presença de mulheres artistas havia sido silenciada pela historiografia dominante. Esse texto supostamente é o primeiro que investiga a relação da história da arte com a mulher.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos, história da arte, mulheres.

1 INTRODUÇÃO

Para Caitlin McGurk, curadora da Billy Ireland Cartoon Library & Museum⁵, as mulheres estão presentes na produção das histórias em quadrinhos há mais 100 anos, mas o seu papel na indústria era limitado pelo contexto sociocultural em que estavam inseridas.

Apesar de as mulheres sempre terem feito parte do mercado, como esta é uma área formada majoritariamente por homens, estes trataram de demarcar a indústria como uma cena pertencente ao imaginário masculino. Em 2012, no Brasil, iniciou-se um crescente movimento pela visibilidade das mulheres quadrinistas.

Em resposta à invisibilização das mulheres artistas, surgiram por todo o país publicações restritas à produção feminina como mecanismo de resistência. Estas publicações trouxeram à tona discussões de gênero que promoveram intensas mudanças na

¹ Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Produção Transdisciplinar, modalidade Histórias em Quadrinhos

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social, email: isaiana.carla@gmail.com

³ Coautor do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Comunicação Social, email: renatainolasco@gmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso Comunicação Social, email: daianyd@gmail.com

⁵ A Biblioteca Billy Ireland é o maior acervo mundial de quadrinhos, localizada na Universidade do Estado de Ohio, nos EUA.

forma como as histórias em quadrinhos são consumidas e, principalmente, produzidas, ao fazer recorte acerca do papel secundarizado da mulher na sociedade. Alavancado pela Terceira Onda Feminista⁶, que teve início nos anos 90 e foi intensificada no Brasil nos últimos anos com o advento da militância virtual, as histórias em quadrinhos têm sido reinventadas pelas grandes editoras a partir das reivindicações do público. Mas a potencialização desta mídia como agente de transformação social não veio da indústria tradicional, mas sim com o grande crescimento de mulheres produzindo e se autopublicando – muitas delas influenciadas pelas coletâneas exclusivas de e para mulheres, que pela primeira vez no mercado brasileiro colocaram o trabalho delas como protagonista.

A popularização da cultura da publicação independente com a chegada de grandes sites de financiamento coletivo no país, em 2001, facilitou a autopublicação de muitas artistas que viram o seu trabalho minimizado pela mídia tradicional. O surgimento destes espaços autogeridos por mulheres propicia a liberdade de exposição da vivência feminina, uma vez que as artistas não precisam adaptar o seu trabalho para que se adequem a normatização da indústria.

2 OBJETIVO

O objetivo do quadrinho é problematizar a invisibilização das produções feitas por mulheres quadrinistas. Demonstramos como as mulheres foram historicamente condicionadas a um papel secundarizado na criação e os impactos que esta socialização tiveram na forma como a indústria de quadrinhos vê a produção feminina hoje.

3 JUSTIFICATIVA

A importância deste trabalho se firma sobre a invisibilidade a qual o trabalho das mulheres é submetido na indústria das histórias em quadrinho. As mulheres foram por muito tempo ignoradas pelo mercado, pela sociedade e pela academia e é necessário remediar os anos de apagamento ao qual o seu trabalho foi submetido. O momento de quebra de paradigmas e intenso debate acerca dos papéis de gênero que vivenciamos propicia a propagação dos estudos feministas, ainda carentes de abordagem no meio acadêmico, e destaca a necessidade da compreensão a respeito de como a arte e as histórias em quadrinhos atuam como ferramenta da comunicação e as transformações sociais que

⁶ Período do feminismo pós 1990, que tem como uma de suas principais características a luta contra os ideais de feminilidade e a ideia de que há importantes diferenças entre homens e mulheres.

surtem com o uso destas histórias para a propagação de ideais descentralizados da hegemonia patriarcal e a cultura de margem.

A condição de invisibilidade se perpetua no começo do século XX, pois o machismo forçava as autoras a assinarem seus trabalhos com codinomes masculinos ou neutros. Um exemplo é Nair de Teffé, a primeira cartunista do Brasil – também considerada uma das primeiras caricaturistas do mundo, que assinava seu trabalho com pseudônimo ambíguo: Rian. A invisibilização da artista acontece mesmo em caráter de homenagem, pois a escola de arte batizada em sua memória não possui o seu nome. É o “Centro Artístico Rian”, não Nair.

Apesar das mulheres representarem 48% do público que consome quadrinhos no mundo⁷, pouco (e às vezes nenhum) é o seu reconhecimento na área, o que nos conduz a questionar os motivadores que perpetuam esta rotina histórica para que então possamos rompê-la. No Brasil, o prêmio Troféu HQMix⁸ tinha apenas 13% dos trabalhos premiados feitos por mulheres. No Festival d’Angoulême⁹ de 2015, nenhuma mulher foi indicada. Esse apagamento contínuo da participação das mulheres nas histórias em quadrinhos é uma barreira que se auto fortalece, pois se elas não são reconhecidas pelo seu trabalho, abandonam a cena.

Linda Nochlin vai além dos quadrinhos em seu artigo “Why have there been no Great Women Artists?”¹⁰ (1971), onde expõe os fatores que influenciam a exclusão do trabalho da mulher na história da arte. Segundo Nochlin, para a mulher é atribuído papel de musa, enquanto para o homem fica o protagonismo da criação. A idealização do artista enquanto gênio desponta em destacar a inaptidão das mulheres para a pintura ou a música, uma vez que todos os gênios são homens. No entanto, este gênio em absoluto é inato: as mulheres não se destacaram na história da arte porque eram desencorajadas a se aperfeiçoar e a ingressar em escolas artísticas, sua dependência econômica e contexto sociocultural na época as prendia em uma inércia onde não havia o incentivo para que se desprendessem do papel de musa e assumissem os meios de produção artística. O texto de Nochlin foi revisitado por Pollock, que inseriu uma problemática que tem, até hoje, grande peso sobre a invisibilização do trabalho feito por elas: a validação de tudo que conhecemos como arte foi feito sob a perspectiva masculina.

⁷ Inserir dados da pesquisa.

⁸ Criado em 1988 pelos cartunistas Jal e Gual, o “Oscar dos Quadrinhos e Humor Gráfico no Brasil” é a principal premiação do gênero no país.

⁹ O Festival Internacional de Angoulême é a principal premiação do gênero banda desenhada da Europa.

¹⁰ Tradução livre: “Por que não existiram grandes mulheres artistas?”

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O primeiro passo para a realização do quadrinho foi a pesquisa bibliográfica que viria a embasar - contextualizando historicamente e inserindo dados concretos a respeito do tema - o texto do quadrinho, visto que foi percebido durante leituras de um projeto de pesquisa que as mulheres sempre foram invisibilizadas na arte e, conseqüentemente, também na indústria dos quadrinhos; mídia que é bastante resistente a ceder espaço para mulheres, pois é um lugar historicamente marcado pela presença de homens. A partir dessas leituras, conseguimos finalizar o texto que comporia a história.

Com o texto pronto, iniciou-se o processo de storyboard. Todas as páginas foram previamente desenhadas à lápis em uma única folha A4 comum. Sem preocupação com a aparência dos desenhos, finalização ou proporção, esta etapa do processo tem sua importância fincada em auxiliar na hora da execução do desenho final e compõe-se de, basicamente, formas geométricas que representam os corpos dos personagens e esboços rápidos de cenário. Seu objetivo é propiciar ao desenhista que experimente com a distribuição de elementos nas páginas, assim como os locais onde ficarão os balões e aparência dos personagens. Assim, podemos ter uma noção de como a história ficará montada ao final do processo e facilita a execução do desenho definitivo.

A partir do storyboard, tiveram início os *sketchs* que viriam a dar forma ao quadrinho finalizado. As dez páginas que compõe a história foram desenhadas à lápis em páginas A4 individuais, desta vez com uso de técnicas avançadas às utilizadas no storyboard. As linhas tem maior proximidade com o desenho finalizado, já inserindo olhos, cabelo, roupas, localização dos balões e objetos do cenário. Concluindo os *sketchs*, a finalização dos desenhos foi realizada com pincel nº 4 e nanquim puro, sem dissolução em água. A técnica para finalização foi escolhida inspirada nos desenhos fluidos à pincel e com sombras pretas de Craig Thompson e principalmente Bryan Lee O'Malley, que tem a simplicidade nos traços e o aspecto cartunesco de seus personagens como característica principal.

Finalizados os desenhos em seu aspecto final, foi feito o scan das páginas e tratamento das imagens com a ferramenta *Adobe Photoshop CC*. Também no photoshop foi feita a inserção do texto nos balões, chegando então ao resultado final do quadrinho:



5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O quadrinho "Ei, por que não existem grandes quadrinhos feitos por mulheres?" é uma história que se inicia com uma personagem mulher que visita uma biblioteca e ao se deparar com uma prateleira de histórias em quadrinhos clássicas, percebe que nenhuma delas foram escritas por mulheres. Seu acompanhante homem então desencadeia a explicar superficialmente através de jargões usuais na indústria o porquê dessa ausência, que, segundo ele, baseia-se de forma simplista no desinteresse das mulheres por essa mídia. Dando continuidade a essa discussão, uma vendedora que estava por perto e não pode deixar de ouvir a conversa, inicia a discussão tese do quadrinho: a ausência de mulheres do

mercado não surgiu de forma espontânea, mas sim de uma constante invisibilização e ausência de estímulo histórico-social

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o surgimento das histórias em quadrinhos, muito da representação do feminino nesta mídia e o modo como as mulheres se relacionam com o conteúdo foi modificado. Apesar dos entraves que elas encontram ao se aventurar no universo, a mulher lê quadrinhos, escreve quadrinhos, desenha quadrinhos, e anseia por sentir-se representada nas histórias de forma condizente com a realidade. A mulher anseia por se reconhecer e ser reconhecida. Porém, muitas vezes frustradas com o meio que não lhe dá abertura ou se opõe às temáticas que exploram a sua vivência (DANNER; MAZUR, 2014, p. 33), muitas artistas iniciam movimentos, antologias e espaços restritos à produção feminina como forma de resistência.

Considerando a diferença sexual no que se diz respeito a reflexão histórico-artístico, o debate sobre a produção artística feminina surgiu da década de 70 e coincidiu com o fortalecimento dos movimentos feministas. A diferença é que não surgiu uma "história da arte feminista", mas sim uma série de intervenções feministas no campo da história da arte. O quadrinho "Ei, por que não existem grandes quadrinhos feito por mulheres?" aborda e explica de forma dinâmica o porquê da produção de quadrinhos feito por mulheres serem tão pouco reconhecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

DANNER, Alexander; MAZUR, Dan. **Quadrinhos**: história moderna de uma arte global. São Paulo: WMF Martinsfontes, 2014.

NOCHLIN, Linda. **Why have there been no great women artists**. In: Jones, Amelia (Org.). *The feminism and visual culture reader*. Nova Iorque: Routledge, 2003.

ARRUDA, Lina Alves. **Revisões feministas da história da arte: contribuições de Linda Nochlin e Griselda Pollock**. 2011.

DANNER, Alexander; MAZUR, Dan. **Quadrinhos**: história moderna de uma arte global. São Paulo: WMF Martinsfontes, 2014.